X Ciclo de Estudos da Linguagem
III Congresso Internacional de Estudos da Linguagem:
DESCOLONIALIDADE e DESOBEDIÊNCIA nos ESTUDOS DA LINGUAGEM
29, 30 e 31 de Julho de 2019

Descolonizar a natureza – contribuições ecocríticas e eco-estéticas

Prof. Dr. Klaus Eggensperger(UFPR)[1]
Profa. Ms. Mariana Cristina Pinto Marino (UFPR)[2]

Resumo: Não por acaso, a dominação exploratória do mundo extra-europeu começou cinco séculos atrás juntamente com os primórdios do universalismo tecnocientífico. Ao estabelecer o sistema-mundo moderno, a expansão europeia caminhou lado a lado da instrumentalização e da colonização da natureza. Como constatou Michel Serres há trinta anos – e antes dele autoras ecofeministas como Carolyn Merchant –, a guerra da civilização ocidental moderna contra a natureza baseia-se em uma postura destrutiva de apropriação colonialista do planeta Terra. Após a descolonização política durante o século XX, discute-se finalmente a condição natural de toda a vida social e humana. O que significa isso para as ciências humanas, preocupadas com o meio-ambiente (as environmental humanities)? Em primeiro lugar, entende-se que 'natureza', conceito que se refere ao mundo material, nunca é "simplesmente uma atualização da *physis*, nem a totalidade dos entes objetivos no âmbito do Real, mas uma entidade simbolizada: uma realidade significada, geografada, politizada" (LEFF, E. *A aposta pela vida*. Petrópolis 2016, 256). Descolonizar a natureza implica a descolonização do conhecimento; ademais, esse processo acompanha a valorização das cosmovisões e práticas sociais das sociedades pré-modernas, rejeitando a relação parasitária da humanidade contemporânea e, principalmente, das suas elites capitalistas com a terra (cf. DEMOS, T.J. *Decolonizing Nature*. Berlin 2016). Ao mesmo tempo fica claro que, no antropoceno do século XXI, tem-se esvaziado a ideia moderna de natureza. Dois desenvolvimentos contemporâneos põem em xeque o tão enraizado antagonismo natura – cultura: a possibilidade de poder manipular, em termos tecnocientíficos, virtualmente toda vida no planeta, junto com a

[1] Doutor em Letras. Professor na Pós-graduação em Letras da UFPR. E-mail: klausegge@ufpr.br
[2] Mestre(a) em Letras e doutoranda na Pós-graduação em Letras da UFPR E-mail: mariana.cmarino@ufpr.br

experiência de destruição ambiental em nível global. Na época presente, natureza "não pode mais ser vista sem que, radicalmente, esteja em colapso e/ou em reconstituição" (BOGALHEIRO, M. O fim da natureza. RCL n.48, 2018).

Isto posto, várias publicações norte-americanas levantaram recentemente a questão de uma estética ecológica à luz da degradação ambiental global e da perigosa desestabilização dos principais sistemas terrestres na época do antropoceno. Outras estéticas contemporâneas de natureza destacam nossa capacidade sensorial, principalmente a experiência sensual-corporal de um ser humano inserido em determinado espaço natural, onde ele mora, trabalha ou pratica lazer, espaço este que também não existe independente de cultura e técnica.

Na Literatura, mas também em outros tipos de produção artística como por exemplo nas artes visuais, os modos de proceder esteticamente à imaginação ecocrítica não se restringem a um determinado realismo ecológico. Interessam formas tanto de ficção como não-ficção que enfatizam a natureza e determinados elementos naturais (flora, fauna, água, paisagens etc.) como entidades agentivas. Contudo, a ética de uma estética ecocrítica não consiste em produzir arte ou literatura ecologicamente corretas, mas encontra-se na capacidade de sensibilizar o público para o belo e o enigmático, para a força e a vulnerabilidade do mundo vivo cada vez mais colonizado. Neste sentido, procuramos apresentar trabalhos de cunho teórico e crítico que lidam com a problemática ecocrítica em literatura e outras artes.

Palavras-chave: Ecocrítica; Eco-estética; Estética da natureza; Letras Estrangeiras Modernas.